
**REVISITANDO CONCEITOS: PARTINDO DA LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA
PARA A CULTURA E IDENTIDADE¹**

Eduardo Antônio Borges dos Santos – PPGEL/UFCAT²
Silvânia Aparecida Alvarenga Nascimento – PPGEL/UFCAT³
Fabiola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida – PPGEL/UFCAT⁴

Resumo: Este artigo tem como objetivo elencar as principais definições de língua, linguagem e fala, entrelaçando diferentes estudos linguísticos e pontuando suas articulações e interdependência na construção da cultura e identidade do indivíduo, montando assim um escalonamento dos conceitos básicos da língua até as dimensões complexas que ela estabelece com esses pontos essenciais da nossa sociedade. Para isso, fez-se um estudo da literatura e dos estudos já publicados a partir das contribuições de Ferdinand Saussure na sua obra “Teoria do Valor” (2004), se trará, portanto de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, buscando as contribuições de autores que se dedicaram aos desdobramentos da teoria base, relacionando-a com as concepções linguísticas de cultura e identidade, tais como: Bagno (2003, 2014); Biderman (1998); Benveniste (2005), (2006a, 2006b); Hall (1997), (2003), (2006); Câmara Jr. (2004); Bakhtin (1997), Bosi (1992), Sapir (1969) entre outros. Ao final, pode-se ter uma visão do quanto a língua, a linguagem e a fala são essenciais para a concepção que temos de sociedade, mostrando-se um alicerce com ramificações sólidas que sustentam desde a cultura até a construção da identidade do falante.

Palavras-chave: Língua. Linguagem. Fala. Cultura. Identidade

**REVISITING CONCEPTS: FROM LANGUAGE, SPEECH AND DISCOURSE TO
CULTURE AND IDENTITY**

Abstract: This article aims to list the main definitions of language, language and speech, intertwining different linguistic studies and highlighting their articulations and interdependence in the construction of the culture and identity of the individual, thus establishing a scale from the basic concepts of language to the complex dimensions that it establishes with these essential points of our society. To this end, a study of the literature and studies already published was carried out based on the contributions of Ferdinand Saussure in his work “Theory of Value” (2004), therefore, it will be an exploratory and bibliographical research, seeking the contributions of authors who dedicated themselves to the developments of the basic theory, relating it to the linguistic conceptions of culture and identity, such as: Bagno (2003, 2014); Biderman (1998); Benveniste (2005), (2006a, 2006b); Hall (1997), (2003), (2006); Câmara Jr. (2004); Bakhtin (1997), Bosi (1992), Sapir (1969) among others.

¹ Este artigo contém partes apresentadas nas dissertações dos autores ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL/UFCAT.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). E-mail: edu.abs@hotmail.com

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: aparesilvania5@gmail.com

⁴ Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professora adjunta do Instituto dos Estudos de Linguagem da UFCAT e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – UFCAT. E-mail: fabiolasartin@gmail.com

In the end, one can have an insight into how language, speech and discourse are essential to our conception of society, showing themselves to be a foundation with solid ramifications that support everything from culture to the construction of the speaker's identity.

Keywords: Language. Language. Speech. Culture. Identity

INTRODUÇÃO

Sabemos que a língua é um código aceito por toda a comunidade, ela se transforma de acordo com as necessidades temporais de quem a utiliza, é, indiscutivelmente, um ato social, coletivo, que se desdobra e assume a função de elos, suporte e base para a concretização de diferentes setores da nossa sociedade. É “um fenômeno sociocultural, uma instituição, uma coisa sobre a qual toda e qualquer pessoa se acha no direito – legítimo – de falar, debater, discutir.” (BAGNO, 2014, p. 27).

Partindo dessa legitimação propôs-se um constructo das definições de língua que se multiplicaram após as contribuições de Ferdinand Saussure (1857 – 1913) publicadas na sua obra “Teoria do Valor”, desenvolvendo assim, suas relações e diferenciações com a linguagem, fala e escalonando para suas articulações e interdependências com os conceitos de cultura e de identidade. Com isso, mostraremos a importância que a língua, dentro dos estudos linguísticos, tem na formação e funcionamento da sociedade.

Este artigo se fez sob um arcabouço metodológico exploratório, pois buscou-se o levantamento de pesquisas e contribuições bibliográficas já publicadas, utilizando de coleta de dados indireta.

Inicialmente o artigo traz as definições básicas de língua, aquelas que foram utilizadas e empregadas em diferentes estudos e pesquisas, sempre associadas com as definições prévias de Saussure. Levando em consideração que muitas pessoas utilizam comumente as palavras língua, linguagem e fala para se referirem ao mesmo tema, a teoria aqui tecida busca elucidar suas diferenças, sem menosprezar suas relações mútuas, afinal, para a linguística, esses termos não podem ser confundidos.

Após as considerações sobre língua, linguagem e fala serem apresentadas, buscou-se um passo maior dentro desse apanhado linguístico – a relação da língua com a formação identitária e cultural do indivíduo. Afinal, a tríade supracitada tem um papel fundamental na concretização da identidade do falante, e o faz se entender culturalmente inserido na sociedade.

Por fim, as considerações ressaltam a relação intrínseca que a língua mantém com a linguagem, fala, cultura e identidade do falante, uma constatação, para o campo linguístico, já concretizada, mas que é o arrimo fundamental para pesquisas deste campo.

1 LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA

As contribuições mais promissoras da Linguística e que a fundamentaram como uma ciência se desencadearam quando Ferdinand Saussure expôs seu trabalho por meio da “Teoria do Valor”, no início do século XX, na Universidade de Genebra. Saussure trouxe à luz a língua como sendo um sistema, delimitada e constituída por aspectos e princípios linguísticos que ele foi desenvolvendo por meio de pesquisas, e que hoje fundamentam as pesquisas que buscam respostas a respeito da natureza da língua.

Para Câmara Jr. (2004, p. 53), “a língua é um fato de cultura como qualquer outro; integra-se na cultura”. Dentro das pesquisas destinadas a compreender fatores linguísticos, sociolinguísticos, entre outros, é pertinente conceber a definição e a importância da língua, visto que apesar de algo visivelmente essencial para tais abordagens, ainda assim, pode ser vista de modo errôneo. Para esse artigo, a língua não se resume em face dos atos não-vocais de uma sociedade, ou simplesmente como um instrumento de comunicação, mas sim como um instrumento essencial para expressar todos os outros aspectos culturais de uma sociedade, como expressão máxima do elo que liga o indivíduo ao grupo a que ele busca pertencer. A respeito da sua funcionalidade, a língua aqui assume uma das duas funções que Câmara Jr. (2004, p. 55) atribuiu, ele a divide em relação à sua função como “precípua da comunicação, e para nós a mais pertinente é a segunda: 2) Os membros participantes de uma atividade cultural influem uns sobre os outros através da comunicação linguística”.

Assim, em suma, a língua é parte essencial da cultura de uma sociedade, ao mesmo tempo em que é também o próprio veículo propagador desta cultura, como se fosse além de tudo, o seu resultado, ela contribuirá não somente no campo específico que a estuda – a linguística, mas também como fator antropológico na construção da identidade do falante (CÂMARA JR., 2004).

Sapir (1969) foi o primeiro linguista a considerar a língua e sua relação com o ambiente físico do falante. De acordo com Sapir (1969, p. 26), “a língua é um produto social”, a expressão cultural de um povo. E é por intermédio dela que podemos acessar a história de

um lugar e compreender o momento atual de um povo. Nas contribuições do autor, a relação com a língua transcende a anímico e atua fisicamente e simultaneamente com o ambiente social do falante, sendo responsável por formar diferentes “fatores sociais” essenciais sem sua vida, entre elas a “religião, a política, a arte e os padrões éticos” que são pilares da sociedade há séculos (SAPIR, 1969, p. 26).

O desejo de expressar seus pensamentos e sentimentos sempre acompanhou o homem, o que podemos ver pelas pinturas rupestres, símbolos e demais achados históricos que comprovam essa realidade. Mas o meio que melhor possibilitou a interação foi o desenvolvimento da língua e de outras formas de linguagem, pois por meio dela as relações sociais foram se concretizando, nem sempre positivamente, mas os pensamentos, ideologias, conhecimento puderam ser difundidos (SAPIR, 1969).

Já na visão de Saussure (2004, p. 17), “a língua é uma parte determinada” que possibilita o exercício da faculdade da linguagem, mas não se confunde a ela, para ele “a língua constitui algo adquirido e convencional”, uma forma de “pensamento organizado da matéria fônica”. Ou seja, para Saussure a língua tem o papel de “servir de intermédio entre o pensamento e o som”. Benveniste (2005) concorda com essa atribuição teórica e é mais específico ao interpretar as contribuições perante essa visão, expondo que:

Ora, essa língua configura-se no seu conjunto e enquanto totalidade. É, além do mais, organizada como combinação dos —signos— distintos e distintivos, suscetíveis, eles próprios, de decompor-se em unidades inferiores ou de agrupar-se em unidades complexas. (...) Para tornar-se transmissível, esse conteúdo [do pensamento] deve ser distribuído entre morfemas de certas classes, organizadas numa certa ordem, etc. (BENVENISTE, 2005, p. 69).

Com isso, a importância da língua é tida como fundamental na expressão do pensamento, sendo uma ferramenta de “transmissibilidade, sem ela, o pensamento pode ser reduzido a nada ou a algo tão vago” (Benveniste, 2005, p. 69), o que Saussure (2004, p. 130) tratou como “algo indeterminado”, restando apenas a “massa amorfa” ou a “volição obscura”.

Em suma, para Saussure (2004, p. 18), na língua, “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”. Mesmo passando a ideia de que língua está internalizada no indivíduo, é importante ressaltar que para Saussure, a língua é um “fato social”: “Ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem cria-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2004, p.

22).

Para explicar uma possível confusão entre ser algo psíquico, que nos dá a ideia de internalização, e ao mesmo tempo ser “exterior ao indivíduo”, Saussure (2004, p. 27) explica a assimilação da língua em sociedade:

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independente da vontade dos depositários.

Para Cunha e Cintra (2001, p. 2), a língua é um “sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Meio através dos quais uma coletividade se expressa, concebe o mundo e age sobre ele. É a utilização social da faculdade da linguagem”. Para eles, a língua também é tida como um “sistema linguístico”, além do “gramatical”, citado acima.

Ainda em consonância de pensamentos, temos Rocha Lima (2003, p. 5), que reforça a definição de língua como sendo um sistema único, “um conjunto organizado e opositivo de relações, adotado por determinada sociedade para permitir o exercício da linguagem entre os homens”. E mais uma vez, a língua aparece como um fator determinante para a concretização da linguagem, porém, elas ocupam espaços próprios. Ainda segundo o autor, a língua, mesmo sendo tratada como um “sistema” permite que o indivíduo possa personalizá-la por meio da seleção de recursos que estão disponíveis para ele, e que mesmo assim, não há uma desfiguração ou ruptura das características gerais que a definem. (ROCHA LIMA, 2003).

Expandindo a definição de que língua é um “sistema único”, temos Bechara (2001), que defende o conceito de que a língua é na verdade um conjunto de sistemas. Não que se contraponha às visões já citadas, mas referindo-se à língua como um diassistema, algo formado na sua complexidade de fatores e que não está plenamente pronta, finalizada, mas em processo contínuo de modificação. Sendo a língua assim, tanto histórica, quanto funcional. Para Rajagopalan (2003, p. 25), “a língua é tradicionalmente entendida como algo fechado em si e auto-suficiente”. E defende seu ponto de vista tecendo uma crítica, pois, para ele, Saussure não teria compreendido que o esforço pela definição de Língua “trata-se de uma questão óbvia demais para merecer qualquer discussão mais aprofundada”.

Bakhtin (1997) trata a língua, em suas contribuições para o tema, como sendo um meio de construir o sujeito, um instrumento que o faz evoluir historicamente, algo que também está em contínuo movimento, ele ainda explica que:

[...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não —adquirem sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (BAKHTIN, 1997, p. 107-108).

A contribuição acima pode demonstrar como a língua é essencial para a inserção do indivíduo em sociedade, agindo nele como um despertar para o âmbito social que ocupara ao longo da sua vida. Portanto, sem a língua o indivíduo seria privado, ou teria seu acesso dificultado à cultura, ideologias, identidades, etc.

Para muitos autores, inclusive para Saussure, explicar a língua e todos os seus aspectos linguísticos fica mais fácil quando a visualizamos com relação às definições de linguagem. Uma das primeiras definições para o termo aparece na obra “Lógica ou arte de pensar”, escrita no século XVII por Arnaud e Lancelot, a linguagem era a expressão do pensamento, uma espécie de sinais que passam pelo espírito do falante.

Para Severo (2013), a diferença entre língua e linguagem nem sempre é facilmente compreendida, pois muitas vezes são utilizadas como sendo sinônimos. Em alguns idiomas isso ocorre pela falta de palavras que façam essa diferenciação, em outros, por serem muito próximas, acabam por evocar o mesmo sentido. Lima (2014) traz em sua pesquisa dados que comprovam que tradutores e comentadores encontraram dificuldades com as terminologias “língua, linguagem e fala” ao popularizarem as contribuições da obra de Saussure, reforçando assim a dificuldade que muitos encontram em compreender a diferença entre tais termos.

Retomando a abordagem língua x linguagem utilizada por muitos autores e que faz parecer mais acessível à compreensão dessa dicotomia, temos a definição de Saussure (2004, p. 17), que não necessariamente opõe os dois conceitos, mas os trabalha em correlação:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Para o Saussure (2004, p. 17), a linguagem é uma faculdade em que a língua se torna um produto social.

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; um cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em

nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. [...] A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. A esse princípio de classificação poder-se-ia objetar que o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao intuito natural em vez de adiantar-se a ele (SAUSSURE, 2004, p. 17).

Dentro desta abordagem, a conceituação de linguagem é tida como um fator social, individual. A língua, pertencendo a um sistema adquirido e convencional, e a linguagem sendo a expressão de liberdade para o seu uso, como uma mescla que faz a junção entre o social e o individual: “A faculdade da linguagem é um fato distinto da língua, mas que não pode ser exercido sem ela” (SAUSSURE, 2004, p. 4).

Para Chauí (2006), é uma espécie de fenômeno ideológico e sensorial em que o falante se conecta de diferentes formas consigo e com o outro. O autor explica que:

A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e lemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos e compreendemos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, idéias. [...] É que a linguagem tem a capacidade especial de nos fazer pensar enquanto falamos e ouvimos, de nos levar a compreender nossos próprios pensamentos tanto quanto os dos outros que falam conosco. As palavras nos fazem pensar e nos dão o que pensar porque se referem a significados, tanto os já conhecidos por outros quanto os já conhecidos por nós, bem como os que não conhecíamos e que descobrimos por estarmos conversando (CHAUÍ, 2006, p. 155).

A linguagem é um dos pilares mais importantes que sustentam a vida em comunidade, pois além de mediar as relações sociais, é o elo entre os mais diferentes âmbitos que constituem nossa sociedade. Segundo Bagno (2014, p. 11), “a linguagem faz parte da nossa própria constituição física, fisiológica (constituição que inclui também nossa psique, já que não faz sentido separar corpo e mente, que são uma coisa só)”. É pela linguagem que se estabelece a comunicação com o propósito de produzir sentido e significado (Bagno, 2003). Assim, linguagem está em todos os âmbitos, político, intelectual, ideológico, sociocultural, anatômico, afetivo, cognitivo, emocional e linguístico da sociedade.

Nesse sentido, a linguagem permite ao indivíduo expressar, de modo simbólico, suas ideias, pensamentos e experiências, adquiridas individualmente e coletivamente, manifestando-se de diferentes formas, seja por gestos, gravuras, sinais, cores, sons, entre outros. Antunes (2010, p. 11) acrescenta que “[...] não existimos fora da linguagem, não

conseguimos sequer imaginar o que é não ter linguagem – nosso acesso à realidade é mediado por ela de forma tão absoluta que podemos dizer que para nós a realidade não existe, o que existe é a tradução que dela nos faz a linguagem [...]”. Assim, a linguagem nos diferencia dos outros animais, sendo pela linguagem que somos constituídos como humanos.

Historicamente, a linguagem é considerada, por diversas culturas, como um objeto que ultrapassa conceitos como representação do conhecimento, código de comunicação ou forma de ação interativa. Dessa maneira, Biderman (1998, p. 84, grifo da autora) garante que, em muitas religiões, a linguagem vem sendo percebida e disseminada como um dom dado por algum poder instituidor superior, ou seja, por uma manifestação divina, pois, de acordo com a autora, “todas as culturas nascem de uma *palavra* criadora, dita em tempos imemoriais por um poder divino”. Nesse sentido, em algumas culturas, como na judaico-cristã, há a crença no mito da criação do mundo, proferida por Deus, pela linguagem (BIDERMAN, 1998).

No âmbito científico, a linguagem é considerada como objeto de estudo de algumas áreas do conhecimento que implicam relações múltiplas, conforme Dubois *et al.* (2006, p. 387-388) explicam:

[...] a relação entre o sujeito e a linguagem, que é o domínio da psicolinguística; entre a linguagem e a sociedade, que é o domínio da sociolinguística; entre a função simbólica e o sistema que constitui a língua; entre a língua um todo e as partes que a constituem; entre a língua como sistema universal e as línguas que são suas formas particulares; entre a língua particular como forma comum a um grupo social e as diversas realizações dessa língua pelos falantes, sendo tudo isso o domínio da linguística.

A Linguística é percebida como uma ciência vinculada à sociedade, à linguagem e à língua, em um amplo processo de desenvolvimento, funcionamento e transformação. A respeito da relação entre a linguagem e a língua, Marcuschi (2020, p. 27, grifos do autor) define a “[...] *linguagem* como uma *faculdade humana universal* e a noção de *língua* como uma dada *manifestação particular*; histórica, social e sistemática de comunicação humana”. Desse modo, a linguagem se caracteriza como inerente ao ser humano, tornando-o um ser social e racional, sendo o principal meio de o homem se comunicar. Por outro lado, a língua é uma atividade sociointerativa que se organiza por regras, normas de usos linguísticos comuns, convencionadas historicamente pela sociedade.

Nesse sentido, Marcuschi (2020, p. 28, grifos do autor) elenca algumas características específicas da língua:

- a) *heterogeneidade* (que constitui um dos motivos de sua variação histórica, dialetal, social e assim por diante);
- b) *indeterminação* (seja do ponto de vista sintático ou semântico, o que explica o fato de as línguas não serem transparentes semanticamente. Daí a necessidade de tratá-las em contextos situacionais e não no vazio);
- c) *historicidade* (elas não são estanques e vão se modificando ao longo do tempo. As razões e as perspectivas das mudanças podem ser muitas);
- d) *interatividade* (que hoje se identifica como seu caráter dialógico, isto é, a língua se dá essencialmente como uma atividade interpessoal e não é um simples sistema de uso privado; neste sentido, a língua é trabalho social);
- e) *sistematicidade* (que diz respeito à sua organização interna e caráter não aleatório, com regras mesmo que variáveis, mas definidas);
- f) *situacionalidade* (o que diz respeito ao seu uso sempre em contextos, de modo que não podemos atribuir um sentido de nível zero aos enunciados produzidos na língua; eles sempre estão situados);
- g) *cognoscibilidade* (este aspecto sugere que a língua é também um sistema cognitivo que serve para a construção e compreensão do mundo mental ou não).

Diante disso, a língua é constituída por elementos morfológicos, sintáticos, semânticos, fonéticos, fonológicos e lexicais, influenciada por fatores externos como: localidade, situação e contexto de comunicação, conhecimento de mundo dos falantes, entre outros fatores.

E a fala? Em que parte a expressão concreta do uso da língua e a expressão da linguagem se relacionam dentro das contribuições iniciais da Linguística? Para Saussure (2004, p. 22) a fala é a parte individual da linguagem que é formada por um “ato [também] individual de vontade e inteligência”. Em relação à fala e à língua o autor diz que “esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos [...]”.

Inegavelmente existe uma relação entre os três termos abordados, e esta não se encontra somente nas questões de definição e competência. Há uma relação indissolúvel. “A língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que língua se estabeleça” (Saussure, 2004, p. 27). Essa relação é reforçada pelas contribuições de Benveniste (2006a), pois ao considerar os atos de fala, princípios regulados pelo sistema da língua, ele afirma que “não produzimos a língua fora de esquemas” e só assim, conseguimos expressar, por meio do falante, um ato de fala. Ou seja, há uma interdependência entre língua, linguagem e fala que vai além do óbvio.

2 LÍNGUA, IDENTIDADE E CULTURA

Os dois termos, língua e cultura, não são simples de simples definição, principalmente o segundo, por não habitar especificamente o campo que atende as contribuições da Linguística, afinal, sua origem vem do latim *colere*, que significa, a priori, cultivar a terra. É como Benveniste (2006a, p. 220) iniciou sua reflexão sobre o assunto: “parece convir mais a um filósofo do que a um linguista [...]”, mas a relação que o homem tem com a língua modifica tudo a sua volta e se faz necessário transpor as fronteiras entre as áreas de conhecimento para assim compreender melhor os fenômenos inerentes à língua, à linguagem, ao homem, à sociedade e à cultura.

Para Bosi (1992, p. 308) o que existe são múltiplas culturas, não existe “uma unidade prévia que aglutine todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro”. Para ele, o termo cultura é concebido como “uma herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso” e seria mais pertinente, em sua visão, consideramos o a nomenclatura “culturas”, indo do singular para o plural.

Na visão de Laraia (2001) o homem atingiu seu ápice evolutivo quando foi capaz de chegar ao estado de cultura, vindo de evoluções fisiológicas que o permitiram agir sobre o seu meio e expressar suas aptidões. Ponto de vista que coaduna com o de Levi-Strauss (1993), que vê a consolidação do estado de cultura quando o homem passou a dominar a linguagem de forma adaptada às suas necessidades momentâneas e assim, ser capaz de estabelecer e respeitar regras de convivência. Pontos esses reforçados pelas contribuições de Alfred Kroeber (1952), que defende a ideia de que a linguagem serviu à cultura, pois foi por meio dela que o homem foi capaz de aprender, ensinar e generalizar as noções necessárias para a vida em sociedade (LARAIA, 2001).

Specer-Oatey e Franklin (2009) trazem definições que são importantes para o construto deste artigo, pois ao se propor estudar os comportamentos linguísticos do falante é preciso compreender como o ambiente cultural em que ele se expressa vê essa ação. De acordo com os autores,

- A cultura se manifesta através de diferentes tipos de regularidades, algumas das quais são mais explícitas que outras;
- A cultura está associada a grupos sociais, mas não há dois indivíduos dentro de um grupo que compartilhem exatamente as mesmas características culturais;

- A cultura afeta o comportamento das pessoas e as interpretações de comportamento;
- A cultura é adquirida e/ou construída por meio do envolvimento com os outros (SPECER-OATEY; FRANKLIN, 2009, p. 15).

Em Hall (2003), temos a cultura definida como algo não ontológico, não finalizado, mas responsável por uma infinita necessidade de se pensar e refletir inseridos dentro de um processo contínuo de ensinar e de aprender.

É preciso considerar também, que apesar do conceito amplo de cultura, ela se faz, por algumas vezes, dentro do próprio indivíduo, não que ela seja única dele, mas ao que concernem suas escolhas particulares, sim. Coracini (2007, p. 45) nos traz essa dualidade entre ser uno e múltiplo:

Passear pelos escombros de Babel significa vislumbrar o corpo poroso e disperso da heterogeneidade que constitui a linguagem e o sujeito, que ao mesmo tempo a revelam e a sufocam na aparência enganosa de uma unidade homogeneizante.

Ou seja, apesar de traços individuais que o homem traz consigo, não podemos pensá-lo isoladamente, principalmente quando nos referimos à cultura, língua e identidade.

De acordo com Diehl (2016, p. 66), “cultura é a representação exemplar de critérios éticos e políticos de regulamentação de experiências que, por sua vez, sedimentam e estabilizam a construção de modelos legítimos e normativos da práxis social”. Enquanto para Marchiori (2006) trata-se de uma construção social, e não de uma limitação no âmbito da criatividade individual. As práticas sociais podem ser tomadas como objeto de análise cultural, desde que sejam compreendidas à luz das experiências que as constituem, reconhecendo-se sua articulação com os dinâmicas sociais mais ampliadas e com os percursos históricos que os atravessam.

Para Eagleton (2005), a cultura é responsável por determinar o modo de viver em sociedade, sendo o meio que viabiliza a interação e nos permite negociar “maneiras apropriadas de agir em contextos específicos”, sejam eles específicos para a vida em coletividade, quanto para as atribuições individuais do homem, como o modo que lidamos com as emoções, afetividade, espaço e prazer (EAGLETON, 2005, p. 184).

Na amplidão do pensamento e das contribuições de Benveniste (2005), considerar a linguagem como um simples instrumento é leviano, para o autor, atribuir características que possam enquadrar esse fenômeno nos princípios do behaviorismo descaracterizam a fluidez

da língua/linguagem e vai contra a premissa que ele defende, de que “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” e que a relação não é simplesmente de estímulo e reforço, pois “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (Benveniste, 2005, p. 285). Ou seja, “há uma natureza do homem que pode ser pensada em uma relação de necessidade definitiva com a linguagem. A linguagem define o homem, como o homem, a linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 99).

Figueredo (2009, p. 12) esclarece que:

É primordial compreendermos a importância da língua na nossa construção social e cultural. A língua pode expressar, encorpar e simbolizar a nossa realidade cultural. Quando a língua e a cultura são colocadas juntas, elas revelam ao mesmo tempo os valores e crenças dos sujeitos situados socialmente e historicamente em uma comunidade de fala. Podemos afirmar que língua é como uma entidade sócio interativa que abrange a representação do patrimônio social e, da mesma forma, também reflete as relações de poder e dominação entre os membros de uma sociedade.

O autor supracitado nos traz a eloquência que é necessária para percebemos a importância da relação entre língua e cultura, pontuando o quanto ambas contribuem para a consolidação da sociedade (Figueredo, 2009). Diante disso, a língua apresenta uma faculdade multifacetada, assim como os falantes que a utilizam. Além disso, ela possui estreita relação com a cultura, visto que ambas são responsáveis por formar a identidade e a memória de um povo. Conforme aponta Benveniste (2006b), alguns autores garantem que a língua mantém uma relação intrínseca com a sociedade, funcionando como um reflexo de sua organização social, de suas especificidades e de suas variações, ao mesmo tempo em que se configura como um dos principais indicadores das transformações que ocorrem no corpo social e, de modo particular, naquilo que se reconhece como cultura. Com base nisso, pode-se afirmar que língua e cultura são inseparáveis, pois atravessam a sociedade.

Em se tratando especialmente da cultura, Capucho (2016, p. 2) esclarece que ela é “[...] simultaneamente uma herança social e um constructo individual, resultado de aprendizagem (experencial, na grande maioria dos casos), que corresponde ao conjunto de representações que os grupos sociais [...] constroem sobre o mundo”. Assim, é pela cultura que os sujeitos são condicionados a certas condutas aceitas pela maioria. Os modelos contrários são discriminados e considerados subversivos aos moldes preestabelecidos pela sociedade.

Dessa maneira, a cultura de uma comunidade é formada por saberes considerados como imprescindíveis para compor a realidade social de seus integrantes. Dubois *et al.* (2006, p. 163) afirmam que a “cultura compreende especialmente todas as formas de se representar o mundo exterior, as relações entre os seres humanos, os outros povos e os outros indivíduos”. Em consonância com os autores, Hall (2006, p. 59) acrescenta que “[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. Reconhecemos, embasados nos estudos dos teóricos, a cultura como um sistema simbólico de valores que a sociedade confere a objetos, ideologias, práticas, mitos e hábitos aprendidos, acumulados e perpetuados por gerações.

Em continuidade a esse posicionamento sobre a cultura e partindo desse mesmo pressuposto, Hall (1997, p.16) prossegue afirmando que “toda ação social é ‘cultural’, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação”. Podemos considerar, então, que a língua, as comidas e as manifestações artísticas são reflexos da tradição cultural de um povo. Câmara Jr (2004, p. 55) também se ateve a estudar e explicar a relação entre língua e cultura, em que uma parte também está vitalmente ligada à outra, mesmo existindo de formas distintas. Para o autor, “a função [da língua] é expressar a cultura para permitir a comunicação social”.

A cultura possui relações com outros aspectos culturais, conseguimos ver a relação da arquitetura com o momento religioso, por exemplo. Mas é à língua que recorreremos para expressar todos os possíveis aspectos culturais existentes, ou seja, a língua é essencial para a perpetuação da cultura: “a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente [...] as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas em grande parte pela língua” (CÂMARA JR., 2004, p. 53-4).

A relação entre língua e cultura é algo incontestável, vimos por meio das diferentes contribuições teóricas apresentadas que há uma relação de interdependência entre elas e que ambas são atuantes na formação identitária de um grupo, e/ou de um indivíduo, o que nos faz realizar o quanto convém incorporarmos a relação entre os dois termos já comentados às definições de identidade, ou seja, refletirmos como a língua, a cultura e a identidade se relacionam de modo intrínseco e influem na sociedade. Sob o ponto de vista de Hall (2006), a formação da identidade do indivíduo reflete diretamente, no ambiente cultural em que ele está inserido e que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas

identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”, e sabemos que é por meio da língua que acessamos modificações e expressividade (Hall, 2006, p. 12). Para exemplificar melhor sua visão, o autor explica que:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre —a nação!, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2006, p. 12).

A relação entre elas, ao contrário das suas definições, não é difícil de compreender, porque a cultura se constrói por meio da língua, que então, ao interpretar os aspectos culturais molda o que chamamos de identidade.

Na perspectiva de Silva (2000, p. 89) a identidade “é um significado – cultural e socialmente atribuído”, o que a faz ser tida como flexível e variável, visto que não é algo a ser definido por uma única percepção. Para o autor, a identidade de um indivíduo é uma “construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada” (SILVA, 2000, p. 97).

Vimos que um indivíduo se faz culturalmente ativo por meio da linguagem e a utiliza para propagar os aspectos da sua própria cultura, fechando um ciclo, não restrito aos demais fatores externos, mas que se autossustentam. Compreender que estamos continuamente sujeitos às influências externas na formação da nossa identidade é aceitar que a língua, a linguagem e a cultura são fatores a serem considerados para a nossa estabilidade emocional e sentimento de pertencimento social, visto, que conforme Hall (2006, p. 12-13):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um —eul coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora —narrativa do eul. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Endossando a ideia acima, temos Castell (2000), que reforça o caráter influenciável da formação da identidade do indivíduo. Segundo o autor, processamos frequentemente “matérias-primas” vindas dos mais diferentes setores da sociedade (religião, biologia, memórias, fantasias, política e etc.), e com isso extraímos os significados em “função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em [nossa] estrutura social, bem como em [nossa] visão de tempo/espço” (CASTELL, 2000, p. 24).

Bauman (2005) levanta outro aspecto inerente à triangulação da língua x cultura x identidade, o sentimento de pertencimento. Esse sentimento, visto pelo autor como instável, está sujeito às “decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso [...]” (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

Sob a ótica de Sapir (1969), linguista que possibilitou a criação da ecolinguística, o meio-ambiente interfere nas forças sociais da sociedade, torna-se responsável por contribuir efetivamente com a cultura, língua, identidade e demais fatores sociais que formam o indivíduo.

Considerando o posicionamento de Antunes (2009, p. 19, grifos da autora), “o povo tem uma *identidade*, que resulta dos traços manifestados em sua *cultura*, a qual, por sua vez, se forja e se expressa pela mediação das linguagens, sobretudo da *linguagem verbal*”. Tendo isso em vista, compreendemos a linguagem como a responsável por mediar a inter-relação entre a cultura e a sociedade, pois permite a representação de padrões característicos de uma comunidade, como crenças, valores, práticas e comportamentos, disseminados especialmente pela língua.

Com isso, podemos compreender que somos formados em um processo contínuo, somos frutos dos mais diferentes contextos sociais a que nos sujeitamos e somos expostos, e que a língua, a identidade e a cultura se incorporam de maneira ativa nas transformações que vivemos no nosso dia a dia. O elo que liga os três aspectos atua de maneira complementar e indissociável, ao menos no que tange à visão deste levantamento teórico, é ele o responsável por nos inserir na teia das relações sociais, e a quebra ou desrespeito entre essa relação pode culminar na exclusão do indivíduo do meio social em que ele busca se sentir pertencente.

Logo, trazer à luz tais contribuições para este artigo é importante para compreendermos a importância da língua na formação cultural e identitária do falante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de que “Somos seres feitos de carne, osso e linguagem” (Bagno, 2014, p. 11), considera-se que a língua é um fato social e os indivíduos, em razão de suas histórias sociais, aprendem e usam a língua de forma variada em suas relações cotidianas. Sendo assim, ela pode ser considerada um bem social relacionado ao povo e a cultura, uma prática social que permite compartilhamentos e interações. Assim,

Seguramente, todos concordamos que a língua é um dos bens sociais mais preciosos e mais valorizados por todos os seres humanos em qualquer época, povo e cultura. Mais do que um simples instrumento, a língua é uma prática social que produz e organiza as formas de vida, as formas de ação e as formas de conhecimento. Ela nos torna singulares no reino animal, na medida em que nos permite cooperar intencionalmente, e não apenas por instinto. Mais do que um comportamento individual, ela é atividade conjunta e trabalho coletivo, contribuindo de maneira decisiva para a formação de identidades sociais e individuais (Marcuschi, et al. 2007, p. 14).

Dessa maneira, fica muito claro que a língua, a linguagem, a fala, a cultura e a identidade estão entrelaçadas de uma maneira interdependente, em que o estudo e a conceituação de um termo abrem portas e iluminam os caminhos para a compreensão dos outros, sendo todos eles, essenciais para o sucesso da vida em sociedade.

Referências:

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2001.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem (1958). In: Émile Benveniste. **Problemas de lingüística geral**, I. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2006a. p. 284-293.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri, com revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2005. 387 p.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução: Eudardo Guimarães,

Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandarsi Sant'ana Castro, João Wanderlei Geraldi, Ingedore G. Villaça Koch, com revisão de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 2006b. 294 p.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii (Estratégias de ensino)**. São Paulo: Parábola Editorial. 2014. Edição do Kindle.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermentina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59660>. Acesso em: 14 abr. 2022.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias**. Petrópolis: Vozes, 1992.

CÂMARA JR, Joaquim. Mattoso. **Língua e cultura**. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (Org.) *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr*. Nova edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAPUCHO, Maria Filomena. Sobre línguas e culturas. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 10, n. 1 e 2. 2016, p. 1-12. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25236>. Acesso em: 14 abr. 2022.

CASTELL, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHAUÍ, Marilena. A linguagem. In: CHAUÍ Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 136-151.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática de português contemporânea**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste, MEVEL, Jean Pierre. **Dicionário de linguística**. 10. reimpr. São Paulo: Cultrix, 2006.

DIEHL Astor Antônio. Max Weber: Ciência Da Cultura E História. **Revista de Teoria da**

História, Universidade Federal de Goiás, v.16, n. 2, Dezembro/2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/44810>. Acesso em: 09 jan. 2026.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FIGUEREDO, Carla Janaina. A produção de materiais didáticos para o ensino de língua inglesa como LE no ciclo 2 a partir de uma abordagem intercultural. SILEL. **Anais**. v. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & realidade, v. 22, n. 2, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LARAIA, Roque. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude et al. **Raza y cultura**. Madrid: Cátedra, 1993.

LIMA, Thyanne Raísa Silva. **Saussure**: a escrita e a tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala. 2014. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/18485/214-7LTQKU>. Acesso em: 15 jan. 2022.

KROEBER, Alfred Louis. **The nature of culture**. 1952.

MARCHIORI, Marlene. **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. São Paulo: Difusão, 2006

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio et al. (Org.). **Fala e Escrita**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 1. reimp. Disponível em: <https://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/29.pdf>. Acesso em: 22 março 2024.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Tradução: Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SEVERO, Renata Trindade. Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste. **Entre textos**: Londrina, v. 13, n. 1, p. 80-96, jan./jun. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPENCER-OATEY, Helen; FRANKLIN, Peter. Unpacking culture. In: SPENCER-OATEY, Helen; FRANKLIN, Peter (Ed.). **Intercultural interaction**; a multidisciplinary approach to intercultural communication. New York: Palgrave MacMillan, 2009. p. 13-49.